

O ENSINO E SEUS ESPELHOS: A FORMAÇÃO ANTROPOLÓGICA PARA NÃO ANTROPÓLOGOS¹

Amurabi Oliveira²

Fernanda Santos do Nascimento³

Jhones Stéffany Marcelino dos Santos⁴

Resumo

O presente trabalho visa debater sobre a contribuição da formação antropológica para não antropólogos, mais especificamente para educadores em formação. Pretendemos realizar uma reflexão considerando o duplo aspecto: por um lado ensinar antropologia para sujeitos que não serão antropólogos, mas sim pedagogos; por outro, aprender antropologia. Consideramos que esta reflexão nos traz elementos importantes para pensar o próprio lugar da antropologia no mundo contemporâneo, e sobre as possibilidades, e dificuldades, de construir um diálogo a partir de um saber de fronteira como é a antropologia, mais especificamente no campo da educação. Partiremos para a construção desse texto da experiência de orientação e desenvolvimento de pesquisas de caráter antropológico no curso de pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

Palavras- Chave: Ensino de Antropologia. Antropologia da Educação. Pesquisa Educacional.

TEACHING AND ITS MIRRORS: THE ANTHROPOLOGICAL TRAINING FOR NON ANTHROPOLOGISTS

Abstract

This paper aims to discuss about the contribution of anthropological training for non anthropologists, specifically for educators in training. We intend to perform a reflection considering two aspects: firstly to teach anthropology to subjects who are not anthropologists, but educators, on the other, to learn anthropology. We believe that this reflection brings important elements to think the proper place of anthropology in the contemporary world, and the possibilities and difficulties of building a dialogue from a border know how anthropology, more specifically in the field of education. We leave for the construction of this text orientation experience and development of anthropological research in the pedagogy course at the Federal University of Alagoas, Brazil

Keywords: Teaching Anthropology. Anthropology of Education. Educational Research.

1 Uma versão preliminar desse trabalho foi apresentada no GT “Enseñanza de Antropología” junto à X Reunión de Antropología del Mercosul.

2 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), líder do Grupo de Pesquisa “Educação & Ciências Sociais”. Contato: amurabi_cs@hotmail.com

3 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), membro do Grupo de Pesquisa “Educação & Ciências Sociais”. Contato: fernandasantos0302@hotmail.com

4 Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), membro do Grupo de Pesquisa “Educação & Ciências Sociais”. Contato: jhonessteffanny@hotmail.com

Introdução

As Ciências Sociais certamente possuem diálogo peculiar com a Educação, se por um lado, a partir dos anos 20 do século XX estas ciências são convocadas para compor os currículos dos cursos de Formação de Professores, indicando uma “modernização” dos mesmos (MEUCCI, 2011), por outro, o cenário que se consolida a partir dos anos 60, em especial com a Reforma Universitária de 68, é de afastamento gradual dessas áreas, ou para ser mais preciso, a Educação passa a ser um objeto de investigação de pouco interesse dos cientistas sociais (SILVA, 2002), ainda que isso também tenha produzido, de forma concomitante, um crescente interesse por parte de pesquisadores do campo da educação por estas Ciências.

No caso da antropologia, apesar das iniciativas existentes com os chamados Laboratórios de Antropologia Pedagógica ainda no final do século XIX e início do século XX, ela tem tido um diálogo mais frágil com a educação do que a Sociologia, destacando-se as pesquisas em espaços não escolares (GOUVEIA, 1989). Também chama a atenção as pesquisas que se propõem a serem “etnográficas”, demarcando algum diálogo com o campo da educação, contudo, muitas dessas pesquisas mostram-se frágeis em termos teóricos e metodológicos (VALENTE, 1996), especialmente por desvincularem o método de seu arcabouço teórico.

Apesar dessas tensões, a Antropologia tem sido convocada a se posicionar acerca de diversas questões no âmbito da educação, em especial ante ao advento das sociedades multiculturais (HALL, 2009), nas quais a questão da diversidade mostra-se como uma temática urgente a ser pensada no campo da educação, colocando-se na agenda do dia de professores e gestores educacionais.

Considerando este cenário, tem sido comum a introdução da Antropologia nos cursos de formação de professores, em especial nos de Pedagogia – voltados para a formação de docentes que atuarão na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental – seja por meio de disciplinas de Antropologia de caráter mais generalista, explorando as diversas correntes de pensamento antropológico, as categorias mais emblemáticas dessa ciência, bem como a própria etnografia, seja através de uma disciplina de Antropologia aplicada ao campo da Educação, em suas mais diversas denominações, como podemos observar por levantamentos recentes realizados por Sartori (2010), com relação aos cursos de Pedagogia no Sul, e Oliveira (2012) com relação aos mesmos cursos no Nordeste do Brasil.

Esta presença da Antropologia nos cursos de formação de professores nos coloca diante de um duplo desafio: por um lado pensar a questão da docência, ou seja, como trabalhar com categorias antropológicas voltando-se para sujeitos que não possuem formação em ciências sociais, ou melhor, como ensinar antropologia para quem não será antropólogo? (ao menos em princípio), por outro, a aprendizagem, enquanto face da mesma moeda coloca-se enquanto problema a ser encarado também, pois há por parte dos alunos a assimilação de uma nova linguagem, novas categorias teóricas e metodológicas, e principalmente há a construção de um novo olhar sobre a educação.

Este breve ensaio pretende refletir sobre o duplo desafio posto na interface construída entre a Antropologia e a Educação: ensinar e aprender antropologia em um curso de formação de professores. Obviamente que se almeja aqui apontar também para as possibilidades abertas, para os ganhos tanto para quem ensina como para quem aprende, valorizando o diálogo entre estes dois campos do saber. Como não poderia deixar de ser, esse texto foi escrito por um professor

com formação em Ciências Sociais que leciona para o curso de Pedagogia, e por alunos de Pedagogia que se enveredaram pelo campo da antropologia, o que se reflete em suas preocupações de pesquisa e interesses construídos ao longo do curso de graduação.

Quem ensina também aprende antropologia

Apesar de ser um saber de fronteira (DAUSTER, 2007), para os antropólogos ainda causa uma estranheza profunda o diálogo desta ciência com algumas outras áreas do saber, em especial na prática da docência, quando somos instigados a dialogar com outras formas de pensar, e de encarar a realidade em termos acadêmicos. E isso, obviamente, possui implicações sobre as possibilidades de desenvolver uma prática educativa significativa junto a alunos com formação fora do Campo das Ciências Sociais. No fórum Ensino de Antropologia, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia em 2005, algumas questões foram apontadas em torno deste ensino em outros cursos de graduação:

Uma questão destacada por mais de um expositor foi o problema de atrair a atenção de alunos que tomam a Antropologia como uma disciplina secundária para sua formação. À guisa de síntese, um expositor afirmou que o professor de Antropologia em outros cursos precisa ser um “craque de malabares” para prender a atenção do aluno. Do ponto de vista das práticas de ensino, levantou-se a utilidade de incluir atividades lúdicas nas aulas de Antropologia. Foi enfatizada, ainda, a importância didática de programar experiências de trabalho de campo para os alunos de outros cursos. (GROISMAN, 2006, p. 337).

No caso específico da educação podemos afirmar que há ainda pouca clareza sobre o lugar da antropologia na formação docente, o que se deve, em grande medida, ao fato de que no Brasil a Antropologia da Educação ainda é um campo em formação. Há pouco indicamos que se avançou sensivelmente no campo das pesquisas antropológicas sobre educação em espaços não escolares, isso é bem verdade, assim como na própria realidade da educação escolar indígena, contudo, a escola (no sentido de educação formal) a qual majoritariamente se destinam os egressos dos diversos cursos de licenciatura no Brasil ainda é objeto de poucas pesquisas na Antropologia. Defendo aqui, portanto, que os avanços para o Ensino de Antropologia junto aos cursos de formação de professores estão diretamente vinculados aos avanços das pesquisas antropológicas no campo da educação escolar.

A partir dessa nossa primeira defesa podemos partir para a segunda, que diz respeito à necessidade de instigar que os educadores em formação não apenas leiam textos de antropologia, como também desenvolvam uma reflexão antropológica substanciada por meio de pesquisas, ou seja, almeja-se que os educadores também produzam conhecimento antropológico, desconstruindo uma perspectiva largamente difundida nas Faculdades de Educação, de que nestes espaços não se produz etnografias, mas apenas estudos “do tipo” etnográfico, como preconizado por André (1995). Mas aí esbarramos em um limite epistemológico e pedagógico, pois:

[...] não há como propriamente ensinar a fazer pesquisa de campo. Esta é uma conclusão antiga, não só de professores bem-intencionados como de estudantes interessados, mas atônitos. A experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sociohistórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia-a-dia, no próprio local de pesquisa entre pesquisador e pesquisados. (PEIRANO, 1995, p. 22).

Ora, se esse processo que é tão fundamental para a formação antropológica – já que é por meio da pesquisa etnográfica que a antropologia se desenvolve e se sofisticada (PEIRANO, 2006) – não pode ser simplesmente “ensinado”, logo temos um desafio claramente posto, pois, mesmo entre os alunos que se destacam nas leituras dos textos antropológicos, e expressam o desejo de desenvolver pesquisas antropológicas no campo da educação há dificuldades no processo de aprendizagem na forma de operacionalizar a etnografia, o ver, ouvir e escrever, do qual fala Oliveira (2006), articula-se intimamente não apenas com a formação acadêmica do aluno, no sentido mais estrito, mas principalmente, com a forma como ele percebe o mundo.

No caso específico do universo escolar, há a peculiaridade de lidarmos com um universo já familiar para os estudantes seja enquanto alunos que passaram por um processo de escolarização formal até chegarem à Universidade, seja enquanto docentes em formação que vivenciam a escola das mais diversas formas, inclusive como estagiários. Todavia, neste ponto é válido ressaltar que nem tudo que é familiar nos é conhecido (VELHO, 1994), e no final das contas, o que a Antropologia almeja provocar nos estudantes é que eles sejam capazes de ver o que sempre viram, porém, que possam enxergar o que ainda não haviam enxergado nessa realidade.

Se as leituras antropológicas inicialmente podem parecer fascinantes para os estudantes, igualmente podem soar ásperas e causar estranheza aos alunos já familiarizados com uma dada literatura, pois, o texto antropológico fará referência a outros textos antropológicos, outros autores, outra tradição de pensamento, com os quais o aluno não está familiarizado, tampouco terá oportunidade posterior de aprofundar o debate, essa certamente é uma dificuldade inicial posta.

Para que as aulas deem certo, ou algo próximo a isso, é necessário que se reflita não apenas sobre o que é importante ser ensinado, mas também sobre o que é importante ser aprendido para se poder ensinar, é necessário que o professor de antropologia também se familiarize com as leituras do campo da pedagogia, com sua linguagem, seus autores de referência, sua forma de construir o pensamento, para que um diálogo real se estabeleça entre o professor e seus alunos.

E se temos que refletir sobre o que precisamos aprender para ensinar antropologia, significa que somos instigados a pensar na própria construção do pensamento antropológico e sua relação com o que é ensinado. Nesse ponto são bastante elucidativas as palavras do mestre Levi-Strauss (2006), que nos diz que o Ensino da Antropologia deve estar restrito às “testemunhas”, aqueles que desenvolveram trabalho de campo, ora, em nossa perspectiva isso possui implicações para a docência de um campo específico, como no caso da Antropologia da Educação, pois, nesse caso compreendemos que também o seu ensino deve ser das testemunhas

daqueles que desenvolveram trabalho de campo no âmbito da Educação.

Em verdade, nosso argumento principal neste texto é que tanto o Ensino quanto a Aprendizagem da Antropologia no campo da formação docente atrela-se, de forma visceral, à produção do conhecimento antropológico na Educação. Ao professor cabe lecionar Antropologia sempre vislumbrando outros horizontes, aberto ao diálogo verdadeiro, predisposto a se colocar na posição também de estudante de pedagogia, iniciando-se nas leituras desse campo, tornando o exótico em familiar, por assim dizer. Cabe-lhe ainda apontar para a indissociabilidade do ensino e da pesquisa e entre teoria e método, de modo que questione a perspectiva de que a etnografia pode ser uma “técnica” útil nas pesquisas no campo da educação, visão tão amplamente difundida.

Ao aluno cabe se dispuser a ser uma “testemunha”, nos termos postos por Levi-Strauss, ou seja, se dispor como nos coloca Pires (2011, p. 145), a nadar nos açudes alheios, tendo a clareza de que “[...] estão lá para compreender o modo de vida do outro e não para serem compreendidos”. Deve-se ter clareza de que aprender antropologia não é apenas receber conhecimentos antropológicos, mas ser capaz de produzi-los.

Certamente para nós, antropólogos, é sempre desafiador esse diálogo, pois, como nos indica Gusmão (2006, p. 300) “[...] a interlocução da Antropologia no campo da docência em Educação e nos cursos de Pedagogia desafia o conhecimento e a própria prática antropológica.”. Acreditamos que a Antropologia sozinha não é capaz de alterar substancialmente a formação docente (OLIVEIRA, 2012), tampouco da forma como normalmente é lecionada, de forma pontual dentro dos cursos de graduação, muitas vezes cabendo a um professor sem formação em Ciências Sociais, e/ou sem experiência de campo em pesquisas antropológicas na educação.

Entretanto, certamente o Ensino da Antropologia mostra-se como um elemento fundamental para pensarmos a formação docente no mundo atual, ante a uma sala de aula marcada pela diversidade sociocultural de seus alunos, heterogêneos em termos de classe social, étnico-raciais, de gênero, de identidades religiosas etc. Certamente conceitos como os de relativismo e de etnocentrismos se fazem essenciais nessa empreitada, ainda que se deva ter cuidado de não retificá-los, de passar a impressão equivocada de que relativizar é o mesmo que ser niilista, o que seria uma inverdade (GEERTZ, 2004), mais uma vez reafirmamos aqui a necessidade de se produzir conhecimento antropológico no campo da educação, elemento fundamental para se pensar a docência dessa ciência no âmbito da formação docente.

O processo de aprender antropologia

Entender os impasses relativos à aprendizagem da Antropologia na formação docente demanda que tenhamos em vista que a compressão acerca da diversidade cultural que permeia nossas escolas e a sociedade é algo fundamental para o futuro professor, e tendo a Antropologia como objetivo compreender o ser humano em suas particularidades e relações sociais, bem como as temáticas que o cercam em sua realidade cotidiana, como a cultura e a relação com o outro, seja, na sociedade ou dentro do espaço escolar, essa se mostra enquanto peça fundamental para esse processo formativo. Neste sentido, as seguintes questões se fazem pertinentes:

[...] a consciência de que a diferença está presente no cotidiano da escola e da sala de aula apontam para a necessária reflexão sobre, pelo menos, duas questões importantes nas relações que se constroem no interior dessa instituição. Primeiro, que a diferença não está apenas presente na vida fora da escola, como também atravessa os muros, quase sempre impermeáveis, da instituição escolar. Segundo, que a forma como olhamos e tratamos a diferença interfere nas relações educativas e, conseqüentemente, nas relações de aprendizagem e de socialização (TOSTA, 2009, p. 9-10).

Essa discussão ganha sentido ante ao reconhecimento do profícuo diálogo entre a Antropologia e a Educação, que segundo Gusmão (1997), estaria longe de ser uma novidade, uma vez que já ao final do século XIX, a antropologia tentava compreender uma possível cultura da infância e da adolescência e mais que isso, tivemos no século XX a participação ativa de antropólogos nas reformas curriculares de países como os Estados Unidos, no qual se destacou a figura de Franz Boas.

A construção destes diálogos aponta para o quão indispensável é para nós professores ter acesso aos conhecimentos produzidos nas Ciências Sociais e na Educação, entretanto não se pode deixar de mencionar que estudar Antropologia para que não tenha uma formação específica na área é um enorme desafio, tento em vista que os textos produzidos pelos grandes clássicos da área como Malinowski, Boas, Levi-Strauss, Geertz, dentre outros, são de difícil compreensão, uma vez que tais leituras são introduzidas de forma pontual no curso de Pedagogia.

Sendo assim, podemos afirmar que embora a Antropologia se mostre crucial para nossa formação, e posteriormente para nossa prática pedagógica, devido ao pouco tempo de contato com a mesma ficamos a nos questionar sobre como e porque trabalhar determinados conteúdos em sala de aula? Como assumir uma postura relativizadora? Como trabalhar as questões interculturais em nossas escolas?

Por que uma educação intercultural? Porque vivemos numa sociedade cada vez mais pluralista. Porque todas as culturas são mestiças. Porque há que dar resposta a determinados medos, como o de perder a própria identidade individual ou coletiva. Porque a escola tem que responder às necessidades dos grupos sociais pertencentes a diferentes etnias e culturas. Porque a escola deve dotar cada indivíduo com atitudes e capacidades para aprender a viver numa sociedade em constante mudança e conflito. Porque a escola é um lugar – chave para o desenvolvimento pessoal, facilitando o incremento de competências nos alunos mais desfavorecidos. (COTRIM, 1995, p. 112)

Tendo em vista as questões levantadas pela autora, devemos reconhecer que pensar é condição *sine qua non* para a realização da prática pedagógica, dada a pluralidade nela existente, e para tanto a Antropologia se mostra como uma relevante ferramenta.

Antes de iniciar os estudos referentes a essa disciplina, as expectativas demonstram certo temor, já que os alunos não possuem formação em Ciências Sociais e não possuem o hábito de refletir sobre suas ações relacionadas ao universo da cultura, principalmente aquelas consideradas familiares, que estão presentes em seu cotidiano, nesse sentido, certamente uma das grandes contribuições da Antropologia para a formação do educador é o desafio que ela lança para que transformemos o familiar em exótico, e o exótico em familiar (DAMATTA, 1978).

Desse modo podemos dizer que os estudantes do curso de Pedagogia ao entrarem na universidade, assim como os de outros cursos, consideram como “naturais” uma variedade de rituais, normas, formas de ensinar, avaliar e promover a educação, sendo as discussões desenvolvidas pela antropologia fundamentais para a desnaturalização desta realidade, o que é uma tarefa bastante complexa, considerando como a nossa própria experiência escolar está profundamente enraizada em nós.

Uma das categorias antropológicas que nos chamam a atenção nesse contato é o etnocentrismo que remete à dificuldade de pensar a diferença, de pensar o outro, uma vez que “O grupo do 'eu' faz, então da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do 'outro', fica nessa lógica, como sendo o engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível.” (ROCHA, 2007, p.9), tal reflexão se mostra fundamental ante uma sociedade, uma escola, uma sala de aula plural em termos culturais.

Ao adentrar no universo da Antropologia, há um encontro com diferentes questões que fazem parte do cotidiano escolar, muitas delas sempre estiveram postas, muito embora não fossem antes percebidas, sendo estas diretamente relacionadas à diversidade cultural, pois mesmo compreendendo que na escola as diferenças se encontram e que há uma pluralidade de crenças, pensamentos, etnias etc., pois como afirma Nunes (2011), a escola é um espaço carregado de diferentes formas e simbolismos culturais marcados pela diversidade de pessoas que ali convivem, não havia uma visibilidade de como ela se refletia no espaço escolar e em como se davam as relações cotidianas entre as diferentes formas de expressão cultural.

Dessa forma, a familiaridade com determinados fatos cotidianos faz com que, muitas vezes, não se enxergue o significado das ações expressadas ali. Por isso, grande parte do valor presente na aprendizagem da Antropologia encontra-se no processo de estranhamento, que seria:

[...] a melhor forma de compreender o outro. Contudo, por mais estranho e diferente que seja o aspecto ou o recorte que seja investigado, é obrigatória a sua referência, em última análise, a uma realidade mais ampla de compreensão. (VALENTE, 1996, p.62).

Nessa perspectiva, é necessário apreender que é preciso conhecer o outro em sua totalidade, dentro do seu contexto, e que para compreender determinadas práticas faz-se necessário um estranhamento por parte de quem investiga, não apenas na pesquisa etnográfica, já que essa é uma característica da produção do conhecimento antropológico, como também no modo de viver e de pensar de uma sociedade, que irá se refletir no ambiente escolar.

Uma questão relevante presente no interior da escola, que na maioria das vezes também não é percebida pelo docente em formação, é a questão da omissão diante de posturas que criam exclusões com base em elementos étnicos culturais, de gênero, religiosas etc.

Referente a este ponto, Giroux nos indica que (1995, p. 88):

Os/as educadores/as não poderão ignorar no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética, e do trabalho que, na verdade, as escolas já estão tendo que enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização do que significa ensinar e na forma como os/as estudantes devem ser ensinados/as para viverem mundo que será amplamente mais globalizado, high tech e racialmente mais diverso que qualquer época na história.

Nesta direção, o estudo dos referenciais teóricos da Antropologia ajuda o aluno da Pedagogia a compreender melhor os sujeitos envolvidos na prática escolar em suas relações sociais e culturais, traz, portanto, para perto o aluno em sua totalidade, em sua humanidade.

Conforme Gusmão (1997) há entre o campo da antropologia e da educação uma similaridade em seus universos, em que, vão se defrontar com uma gama de diversidades raciais, étnicas, econômicas, sociais, religiosas e de gênero, e sendo assim é indispensável que ocorra um intenso diálogo.

Nesse sentido, cabe aos educadores perceber os diversos grupos sociais e culturais presentes na sala de aula, possibilitando a troca entre os vários saberes, compreendendo a escola como um espaço de socialização e de socialidades (GUSMÃO, 2003; DAUSTER, 2007). Laraia (2007) citando Benedict, afirma que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Desse modo, faz-se necessário perceber essas diferentes visões de mundo e permitir o diálogo entre elas. Laraia (2007, p. 68) afirma ainda que: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”, tais questões mostram-se pertinentes para se compreender o que ocorre na escola, na sala de aula, afinal, não há nenhuma prática educativa que ocorra fora do universo da cultura.

Percebe-se aí que o diálogo entre antropologia e educação é um fator imprescindível para compreender as sinuosidades que envolvem essas duas áreas de conhecimento, onde cada uma com sua abordagem possa atingir os desafios que lhes são colocados.

A relevância da cultura e da diversidade para a formação do educador se coloca de forma tão evidente, que quando foram publicados os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais uma das questões postas foi da Pluralidade Cultural. Conforme o documento:

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a valorizando-a, e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão – tarefa necessária, ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo voltado para a cidadania, uma vez que tanto a desvalorização cultural - traço bem característico do país colonizado - quanto à discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos; portanto, para a própria nação. (BRASIL, 1997, p20)

Ao discorrer sobre a diversidade cultural, é importante também destacar a dimensão alteridade, conceito este também desconhecido pela maioria dos alunos da Pedagogia até conhecerem a Antropologia, e que a partir daí percebemos como que pensar a prática pedagógica nos remete, inevitavelmente, a nossa relação com o outro, e com nós mesmos. Este conceito nos leva a seguinte reflexão:

A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e porquê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, de uma cultura e de uma sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de processos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão do mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente. (GUSMÃO, 2003, p. 87).

Essa e outras questões ganham relevância no debate pedagógico por meio dos PCN, que trazem a problemática da pluralidade cultural como critério de seleção de conteúdos a serem trabalhados no primeiro e segundo ciclo, assim como outros instrumentos legais têm trazido a questão da cultura para o centro da discussão em sala de aula, como a lei nº *10639 e a nº 11645, que instituem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e indígenas, respectivamente. Ainda segundo os PCN:

[...] a relevância sociocultural e política, considerando a necessidade e a importância da atuação da escola em fornecer informações básicas que permitam conhecer a ampla diversidade sociocultural brasileira, divulgar contribuições dessas diferentes culturas presentes em território nacional e eliminar conceitos errados, culturalmente disseminados, acerca de povos e grupos humanos que constituem o Brasil; a possibilidade do desenvolvimento de valores básicos para o exercício da cidadania, voltados para o respeito ao outro e a si mesmo, aos Direitos Universais da Pessoa Humana e aos direitos estabelecidos na constituição federal; a possibilidade de capacitar o aluno a compreender, respeitar e valorizar a diversidade sociocultural e a convivência solidária em uma sociedade democrática. (BRASIL, 1997, p.47)

Certamente a Antropologia nos traz elementos relevantes para compreender a questão da pluralidade cultural na realidade educacional, e, por consequência, para a própria leitura dos PCN (VALENTE, 2003).

Tendo em vista as reflexões desenvolvidas até aqui, podemos afirmar que o ensino da antropologia é crucial para a nossa formação enquanto futuros professores e enquanto sujeitos críticos e autônomos, em especial ante a sociedade na qual nos encontramos, construída historicamente em meio a uma grande diversidade cultural, étnica, religiosa, de gênero etc, marcada igualmente por profundas desigualdades.

Aprender antropologia é passar a “enxergar” fatos e situações que se fazem presente no cotidiano escolar e que muitas vezes passavam despercebidos, o que ganha outros contornos quando articulamos essa aprendizagem à produção do conhecimento antropológico no campo da educação. Embora muitas vezes se apresente de forma complexa a aprendizagem da Antropologia, quando não se possui formação em Ciências Sociais, reconhecemos o quão fundamental é esta aprendizagem, não só para os educadores, mas para a formação dos sujeitos de forma mais ampla, ao nos possibilitar uma ampliação de horizontes, a partir da relação que estabelecemos com o outro.

Considerações finais

Este breve texto buscou trazer uma reflexão sobre a formação antropológica para os “não antropólogos”, de forma mais específica pensando-se o caso da formação de educadores no curso de Pedagogia. Buscou-se ressaltar a relevância da Antropologia na formação docente, que por meio de categorias como cultura, etnocentrismo, relativismo etc., almeja lançar novos olhares sobre a realidade educacional, ante a um processo de estranhamento e desnaturalização da mesma. Além do mais, a Antropologia possui como uma de suas grandes virtudes a possibilidade que ela nos abre para aprender com o outro (LEVI-STRAUSS, 2012), o que se mostra fundamental para a prática pedagógica.

Ressaltamos mais uma vez que o elo central para pensarmos o diálogo entre a Antropologia e a Educação, compreendido a partir do ensino quanto da aprendizagem, se dá por meio da produção do conhecimento antropológico na educação, de modo que possamos expandir os horizontes daqueles que não possuem formação no campo das Ciências Sociais a partir da episteme própria da Antropologia. Os dilemas culturais vivenciados por nossa sociedade, que são postos também na realidade escolar, colocam em evidência a necessidade de se trazer o debate antropológico para a formação de professores, pois a escola a qual estes profissionais se dirigem é essencialmente plural em termos culturais, o que deve ser percebido, discutido e fruto de uma reflexão profunda.

Referências

ANDRÉ, Marli. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural - terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997

COTRIM, A. (Org.). *Educação intercultural: Abordagens e Perspectivas*. Lisboa: Secretariado Coordenador dos programas de educação multicultural do Ministério da Educação, 1995.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 23-35.

DAUSTER, Tânia. Um saber de fronteira – entre a antropologia e a educação. In: DAUSTER, Tânia (Org.) *Antropologia e educação: um saber de fronteira*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2007. p. 13-35.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz: Sob a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *Alienígenas na sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOUVEIA, Aparecida J. As Ciências Sociais e a pesquisa sobre educação. *Tempo Social*, v. 1, n. 1, p. 71-79, 1989.

GROISMAN, Alberto. O ensino de antropologia em “outros cursos”. In: GROSSI, Mirian Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen. (Org.). *Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 333-349.

GUSMÃO, Neusa Maria. Antropologia e Educação: história e trajetos/ Faculdade de Educação - Unicamp. In: GROSSI, Mirian Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen. (Org.). *Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 299-331.

_____. Antropologia e educação: origens de um diálogo. *Cadernos CEDES*. v.18, n. 43, p. 8-25. 1997.

_____. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa Maria (Org.). *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003, p. 83-105.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. *A Antropologia diante dos Problemas do Mundo Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MEUCCI, Simone. *Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. São Paulo: Hucitec Fapesp, 2011.

NUNES, Flaviana Gasparotti. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. *Pró-Posições*, v. 22, n. 3, p. 113-130, 2011.

OLIVEIRA, Amurabi. Antropologia e Antropólogos, Educação e Educadores: O lugar do ensino de Antropologia na formação docente. *Percursos*, v. 13, n. 1, p. 120-132, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.

PEIRANO, Mariza. *A Teoria Vivida: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PIRES, Flávia Ferreira. Roteiro Sentimental para o Trabalho de Campo. *Cadernos de Campo*, v. 20, p. 143-148, 2011.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

SARTORI, Ari José. O ensino da antropologia para quem não vai ser antropólogo: programas e currículos na Região Sul. In: *RBA – REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 27, 2010, Belém – PA. Anais, Brasil Plural: Conhecimentos, Saberes Tradicionais e Direitos à Diversidade. São Paulo: ABA, 2010.

SILVA, Graziella Moraes Dias da. *Sociologia da sociologia da educação: caminhos e desafios de uma policy science no Brasil (1920-79)*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. Reflexões sobre a interface Antropologia e Educação. In: *REUNIÓN DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUL*, VIII, 2009, Buenos Aires. Diversidad y poder en América Latina. Buenos Aires, 2009.

VALENTE, Ana Lúcia. Conhecimentos antropológicos nos parâmetros curriculares nacionais: para uma discussão da pluralidade cultural. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (Org.). *Diversidade, cultura e educação*. São Paulo: Biruta, 2003. p. 17-46.

_____. Usos e Abusos da Antropologia Na Pesquisa Educacional. *Pro-Posições*, v. 7, n.20, p. 54-64, 1996.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.